UM ESTUDO DE CASO SOBRE O IMPACTO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA VIDA ADULTA

Eliana Aparecida Gonçalves Simili[1]
Marisa Claudia Jacometo Durante[2]

O desenvolvimento humano é influenciado por uma série de fatores, dentre os quais se encontram entrelaçados aspectos cognitivos, afetivos, motores e psicossociais, caracterizando-se como um processo contínuo que acontece durante toda a vida, apresentando uma sequência ontogenética semelhante, sendo diferenciado apenas pela velocidade de progressão.

Para compreender essa realidade, nos remetemos aos grandes períodos da vida humana, que normalmente têm sido divididos por fases: infância, adolescência, idade adulta e velhice. A infância é entendida como o período em que ocorrem experiências que serão determinantes ao longo da vida; a adolescência é um período marcado por conflitos, mudanças no corpo e no comportamento. A fase adulta é caracterizada pela estabilidade e a velhice como uma fase de decadência, deterioração do corpo e da mente e antecessora à morte.

No contexto atual de diversos sistemas de ensino no Brasil, a ideia de ciclos de vida tem sido remetida aos ciclos de formação, e no contexto da psicologia esse pensamento remete aos estágios de desenvolvimento humano, um modo de organização das etapas da vida humana (OLIVEIRA, 2009). Nesse sentido, as fases passam a ser denominados ciclos, e estes conferem o desenvolvimento humano levando em conta os aspectos histórico-culturais e a história individual de cada sujeito. Portanto, refletir sobre uma educação voltada para adultos desloca o modo de pensar na educação, voltada anteriormente para a infância e à adolescência.

No processo de aprendizagem na fase adulta os aspectos relacionados ao desenvolvimento humano são tão importantes quanto os relacionados à aprendizagem em si. Desta forma, a interação entre indivíduo e ambiente, em si, também já é um processo de aprendizagem no qual a transformação no curso de vida se torna possível porque aprendeu algo novo e este foi o responsável pela mudança no curso. Assim, desenvolvimento e aprendizagem, embora não sejam a mesma coisa, estão imbricados, influenciando e sendo influenciados no processo de formação na fase adulta.

[1] Pedagoga. Especialista em Orientação Educacional e Psicopedagogia Clínica e Institucional. Coordenadora Pedagógica da Escola Olavo Bilac. e-mail: elianasimili@gmail.com
[2] Psicopedagoga. Doutora em Educação. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da Faculdade La Salle. e-mail: marisa@faculdadelasalle.edu.br

Nesse contexto encontra-se a ansiedade, uma reação natural do organismo, ou seja, um extinto desenvolvido de sobrevivência para que o ser humano reaja diante do perigo. Até certo ponto, é necessário para a sobrevivência social. Porém, quando a ansiedade é desproporcional torna-se patologia e desencadeia uma série de sofrimentos e problemas de ordem social. Neste ponto, ao invés de contribuir nas atitudes do dia a dia, concorrerá exatamente ao contrário, ou seja, para a falência da capacidade de tomadas de decisões (GRAEFE; BRANDÃO, 1996).

A ansiedade tem causado transtorno no meio acadêmico, com isso acabam por prejudicar o rendimento do discente, ou mesmo aumentar os índices de evasão. Para Marchi; et al (2013), quanto mais alto for o nível de ansiedade do aluno, mais seu desempenho é afetado, interferindo na sua formação e atuação futura. Cruz; et al (2011), mostram que os alunos têm apresentados níveis de ansiedade moderados, alguns fatores têm efeitos significativos para a ansiedade do aluno, enquanto outros não. O sujeito fica excepcionalmente preocupado com a interação social, avaliação de si mesmo por outras pessoas e consequentemente acaba contraindo um medo elevado de interagir com outras pessoas. O transtorno da ansiedade social às vezes é chamado de fobia social, ou seja, é um medo irracional de certas situações, objetos ou ambientes.

Acredita-se que a fobia social é responsável pelo baixo desempenho acadêmico dos estudantes, uma vez que a mesma afeta diretamente o processo de aprendizagem. “Comparadas aos homens, as mulheres apresentam o dobro das fobias específicas e apenas um pouco mais de fobia social” (GAZZANIGA; HEATHERTON, 2005, p. 509). A fobia social está relacionada às pessoas muito tímidas fazendo com que o fóbico tenha um comportamento inadequado, a ponto de impedi-lo ou prejudicá-lo significativamente na realização de determinadas tarefas.

Assim, o objetivo geral deste estudo é analisar como a fobia social interfere no desenvolvimento do ser humano na fase adulta, buscando contribuir com intervenções que proporcionem a melhoria de tal situação. São objetivos específicos: a) conhecer o que é fobia social e as possíveis consequências ocasionadas no cotidiano dos educandos na fase adulta. b) identificar quais dificuldades de aprendizagem esse transtorno apresenta na vida do adulto.

Metodologicamente esse estudo é resultado de estágio clínico com, sendo aplicado instrumentos de diagnóstico: Entrevista Exploratória Situacional, Anamnese, Genograma, HTP-Casa-Árvore-Pessoa, Confias-Coleção Papel de Carta, provas projetistas, A Hora do Jogo, Teste de conhecimento Numérico, Avaliação pedagógica, Consciência Fonológica e Provas Operatórias.

Os principais resultados indicam que a fobia social é responsável pelo baixo rendimento acadêmico uma vez que afeta diretamente no processo de aprendizagem, e que

estão relacionadas as pessoas com quadro de timidez atribuindo a este educando um comportamento inadequado, prejudicando a realização das tarefas escolares.

Os testes apontam que há fortes indícios de que a fobia social de muitas pessoas possa estar relacionada ao histórico familiar, levando a crer que fatores genéticos possam representar um papel importante na origem do medo persistente e irracional. No entanto, sabe-se também que as fobias podem ter uma ligação bastante direta com traumas e situações passadas. Isso acontece porque a maioria dos problemas emocionais e comportamentais é desencadeada por dificuldades que uma pessoa enfrentou ao longo da vida. Todas as pessoas passam por momentos difíceis, mas algumas delas podem desenvolver, com o tempo, sentimentos de angústia que podem evoluir para um quadro de fobia.

Considera-se que os obstáculos no desempenho de aprendizagem dos pacientes são de ordem funcional e pouca estimulação ambiental. Para amenizar a fobia social é necessária terapia, tanto para o tratamento de jovens como de adultos. O medo, a ansiedade e a esquiva interferem significativamente na rotina normal do indivíduo, no funcionamento profissional ou acadêmico ou em atividades sociais ou relacionamentos, causando sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes de sua vida.

REFERÊNCIAS

CRUZ, C. M. V. M; et al. Ansiedade Nos Estudantes do Ensino Superior: Um Estudo com Estudantes do 4º Ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Saúde de Viseu. Centro de Estudos em Educação, **Tecnologias e Saúde**, p. 223-242, 2011.

GAZZANIGA, Michael; HERATHERTON, Todd. **Ciência psicológica** - mente, cérebro e comportamento. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GRAEFE, Frederico. Social anxiety. Disponível em <http:/www.nhs.uk/conditions/social-anxiety/pages/social-anxiety.aspx>. Acesso em 10/10/2017.

MARCHI, K. C; et al. Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. Revista Eletrônica de Enfermagem (*online)* jul/set, 15(3) 371-9, 2013.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Cultura e Psicologia**. Questões sobre o Desenvolvimento do Adulto. São Paulo: Hucitec, 2009.